



Os MOVIMENTOS FEMINISTAS

A luta das mulheres vem de longa data e, na atualidade, é possível dizer que está na maioria esmagadora dos países. Na América Latina, não é diferente. Em todos os períodos da nossa história é possível verificar a presença das mulheres na luta pelos direitos à cidadania, pelo reconhecimento do e no trabalho, pela igualdade de tratamento, enfim, na luta contra a exploração, a opressão, a discriminação e a violência, com iniciativas que envolveram e envolvem tanto o espaço público quanto o privado. Foi a partir dessas lutas - que viabilizaram as teorizações sobre as relações sociais de gênero e sobre o feminismo - que foram se constituindo movimentos e instituições feministas.

A formação da sociedade latino-americana foi marcada por desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero que permanecem muito presentes. Nos séculos de escravidão, uma elite agrária, proprietária e branca produziu profundas violências para as mulheres e especialmente para as mulheres negras e indígenas. O **patriarcado** e a escravidão, portanto, são marcas dessa sociabilidade em territórios colonizados, como a América Latina.

A palavra feminismo pode dizer muitas coisas, por isso há tantos debates internos ao feminismo. Todos esses debates relacionam-se ao sentido do feminismo como teoria e prática. No geral, pode entender-se o feminismo como um conjunto de movimentos políticos e sociais que visam desestabilizar a sociedade caracterizada por suas injustiças em relação às mulheres.

A questão da representação das mulheres na vida política também é outro ponto de luta dos movimentos. Quando pensamos sobre a questão, vemos que a participação é ínfima. Como é possível que, mesmo que sejam mais da metade da população mundial, as mulheres estejam tão longe da vida política e dos altos cargos nas mais diversas instituições como instância de decisão sobre a sociedade? As mulheres precisam participar das instâncias decisórias e elas só farão isso se puderem construir a sua própria história. Nesse sentido, o feminismo tem como base a construção de si, que deve dar às mulheres outro lugar no campo das decisões.

Na América Latina existe ainda uma enorme participação desigual nas tomadas de decisão. Veja os exemplos contidos no infográfico a seguir, que divide a participação das mulheres como ministras, no parlamento, nos tribunais de justiça e no poder local (municipal). Em todos é possível notar a pouca representatividade. Por exemplo, na América Latina somente 2 entre 7 juízes são mulheres. Já no legislativo (que no Brasil é composto por Deputados e Senadores) somente 28,3% dos cargos são ocupados por mulheres.

PRESENCIA DE MUJERES EN LA TOMA DE DECISIONES EN LOS PODERES DEL ESTADO

MUJERES EN LOS GABINETES MINISTERIALES

1948
PRIMERA DESIGNACIÓN DE UNA MUJER EN UN MINISTERIO O SECRETARÍA DE ESTADO EN LA REGIÓN

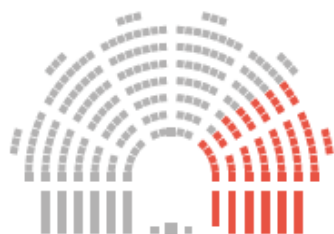


LAS MINISTRAS SIGUEN CONCENTRADAS EN LAS CARTERAS VINCULADAS AL ÁREA SOCIAL, Y SU INCURSIÓN EN EL ÁMBITO ECONÓMICO ES MUCHO MENOR

MUJERES EN LOS PARLAMENTOS

LA REGIÓN SE ENCUENTRA A LA CABEZA EN CUANTO A LA PRESENCIA DE LAS MUJERES EN LOS ÓRGANOS LEGISLATIVOS

28,3%



IMPLEMENTACIÓN DE LEYES DE CUOTAS Y PARIDAD



AUMENTO SIGNIFICATIVO DE LA PARTICIPACIÓN DE LAS MUJERES

MUJERES EN LOS MÁXIMOS TRIBUNALES DE JUSTICIA

EN AMÉRICA LATINA

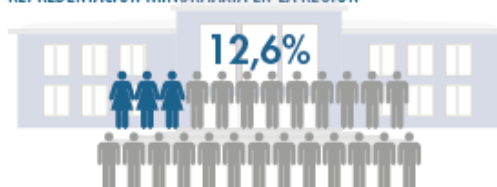
2 DE CADA 7 JUECES SON MUJERES



MUJERES EN EL PODER LOCAL

ALCALDÍAS

LA ALCALDESAS TIENEN UNA REPRESENTACIÓN MINORITARIA EN LA REGIÓN



CONCEJALAS

15 PAÍSES

TIPIFICARON LA CUOTA DE REPRESENTACIÓN FEMENINA O INCORPORARON LA PARIDAD DE LOS CARGOS DE REPRESENTACIÓN LOCAL O MUNICIPAL EN LA CONSTITUCIÓN



Fonte do infográfico: https://oig.cepal.org/sites/default/files/4_democracia_final_11_oct_2016.pdf

Glossário:

Patriarcado: Modelo sociopolítico em que os homens (cisgênero e heterossexuais) exercem supremacia e poder sobre os demais.

Referências:

PALUDO, C.; DARON, V. Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil). In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. R.R.; FRIGOTTO, G. **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 481 – 486.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

ARRUZZA, C. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.